

# AS CORTES CROATAS E O PAPADO DO SÉCULO IX AO XI\* \*\*

## THE CROATIAN COURTS AND THE PAPACY OF 10<sup>TH</sup> TO 11<sup>TH</sup> CENTURIES

**Stéphane Gioanni**  
École Française de Rome

**Correspondência:**  
École française de Rome  
67, place Farnèse - I - 00 186 Rome  
E-mail: [dirma@efrome.it](mailto:dirma@efrome.it)

### Resumo

O estudo sobre a história da Croácia medieval carece de registros documentais para o período anterior ao século XII. Por isso, um estudo sobre a construção histórica das cortes croatas não pode prescindir do cotejamento das poucas fontes manuscritas com os vestígios arqueológicos e epigráficos. Nesse sentido, neste artigo pretendemos mapear a construção histórica das cortes croatas, nela identificando a contribuição monástica e papal no processo de espacialização e de estabilização do Reino Croata nos séculos X e XI.

**Palavras-chave:** Idade Média; cortes croatas; papado; monges.

### Abstract

The study of medieval Croatia's history faces a scarce of sources before the twelfth century. Therefore, a study of the historical construction of the Croatian courts cannot ignore the mutual comparison of the few written sources with archaeological and epigraphic sources traces. In this paper, we intend to map the historical building of the Croatian courts, and identify the monastic and papal contribution to the process of stabilization of the Croatian Kingdom in the tenth and eleventh centuries.

**Keywords:** Middle Ages; croatian courts; papacy; monks.

---

\* Tradução de Cláudia Regina Bovo e Rossana Alves Baptista Pinheiro.

\*\* Este artigo retoma uma parte de nossa pesquisa em andamento sobre *Les cours du Royaume de Croatie et la Réforme de l'Église dalmate IX<sup>e</sup>-XI<sup>e</sup> siècle*, apresentada ao longo da "Settimane di Studi del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo", organizada em Spoleto (Itália), entre 24 e 29 de abril de 2014 e consagrada às "Cortes na Alta Idade Média". A versão integral desta conferência será publicada em francês nas Atas deste Encontro. Agradeço calorosamente as Professoras Rossana Alves B. Pinheiro e Cláudia Bovo por terem me dado a oportunidade de publicar esta pesquisa em português.

A história da Croácia medieval é percebida com dificuldade nas fontes anteriores ao século XII, transmitidas essencialmente no primeiro tomo do *Codex diplomaticus Croatiae, Dalmatie e Slavoniae*<sup>1</sup>. Esta coleção diplomática, que se assemelha aos atos produzidos no espaço croata medieval, foi constituída na segunda metade do século XIX por uma geração de historiadores estreitamente ligados ao movimento nacional “em torno de Ivan Kukuljević”<sup>2</sup>. A esta coleção diplomática unem-se textos produzidos fora do espaço dálmato-croata, por exemplo, correspondências pontificais, um fragmento da obra do teólogo Gottschalk, fragmentos dos *Annales du Royaume des Francs*, da *Histoire des Vénitiens* de João Diácono e, no domínio grego, a *Vie de Basile*, o *Livre des Cérémonies* e, principalmente, o *De Administrando Imperio* do imperador bizantino Constantino Porfirogênito (905-959)<sup>3</sup>. Deve-se igualmente citar duas crônicas posteriores, as *Gesta regum slavorum* do padre de Docléa<sup>4</sup>, que narra a história mítica do reino dos Eslavos meridionais depois de sua instalação no Ilírio bizantino, e a *Historia Salonitana* de Tomas Arquidiácono, que conta a sucessão dos bispos de Split-Salone desde as origens até o século XIII<sup>5</sup>. Estes dois relatos compostos nas sés rivais de Docléa e de Split transmitem duas visões antagônicas sobre a história político-religiosa da região, especialmente no que concerne às relações complexas entre os soberanos croatas e a metrópole dálmata. O conjunto destas fontes diplomáticas ou literárias – que refletem mais as representações do que a realidade do primeiro reino croata – é muito limitado e deve ser

<sup>1</sup> *Codex diplomaticus regni Croatiae, Dalmatiae et Slavoniae, I (743-1100)*. KOSTRENČIĆ, M.; et al. (ed.). Zagreb, 1967 [abrége CDCDS], 1, *Lettre du pape Zacharie à l'évêque André d'Épidaure (743)*, p. 1-3. A primeira edição moderna dos atos medievais relativos à Croácia e à Dalmácia foi publicada em 1874 por Ivan Kukuljević. Esta edição foi seguida de uma outra obra contendo uma seleção de documentos, os *Documenta Historiae Chroaticae periodum antiquam illustrantia*, ed. Fr. RAČKI, Zagreb, 1877.

<sup>2</sup> KOLANOVIĆ, J. *L'institutionnalisation des archives et la quête de l'identité nationale en Croatie dans la seconde moitié du XIX<sup>e</sup> siècle*. IN: *Archives et nations, dans l'Europe du XIX<sup>e</sup> siècle*. DELMAS, B.; NOUGARET, C. (ed.) Paris, 2004, p. 68 et sq.; sobre a evolução da historiografia croata durante o século XX, ver: BUDAK, N. *Le « Annales » e la storiografia croata*. IN: *Dimensioni e problemi della ricerca storica*, 1, 2000, p. 75-87; *Post-socialist Historiography in Croatia since 1990*. IN: *(Re)Writing History: Historiography in Southeast Europe after Socialism*. BRUNNER, U. (ed.). Münster, 2004 (*Studies on South East Europe*, 4), p. 128-164; VEDRIŠ, T. *Reviving the Middle Ages in Croatia*. IN: SAGHY, M. (ED.). *Fifteen-Year Anniversary Reports ; Annual of Medieval Studies at CEU (Central European University, Budapest)*, 15, 2009. RASSON, J. A. ; Zsolt SZAKÁCS, B. (ed.), p. 197-211 [uma versão numérica deste artigo foi divulgado pela revista eletrônica *Reti Medievali*].

<sup>3</sup> Constantino Porfirogênito. *De Administrando Imperio* [abrége DAI]. MORAVCSIK, G. (Ed.) JENKINS, J. H. (trad.) Washington, 1967 (*Corpus Fontium Historiae Byzantinae*). Ver principalmente os comentários: BURY, J.-B. *The Treatise De administrando imperio*. *Byzantinische Zeitschrift*, 15, 1906, p. 517-577; EGGERS, M. *Das De administrando imperio des Kaisers Konstantinos VII. Porphyrogenetos und die historisch-politische Situation Südosteuropas im 9. und 10. Jahrhundert*. *Ostkirchliche Studien*, 56, 2007, p. 15-101.

<sup>4</sup> Solange Bujan demonstrou recentemente que esta narrativa foi provavelmente “um falso moderno veiculando pedaços de verdadeiras fontes medievais” (ver: BUJAN, S. *La Chronique du prêtre de Doclée. Un faux document historique*. *Revue des études byzantines*, 66, 2008, p. 5-38 ; p. 7).

<sup>5</sup> Tomas Arquidiácono. *Historia Salonitana* [abrége HS], PERIĆ, O. (ed.) I-II. Split, 2003 (Biblioteka Knjiga Mediterana, 30); Cf. *Archdeacon Thomas of Split, History of the Bishops of Salona and Split*. Tradução e notas D. KARBIĆ, M. MATIJEVIĆ SOKO e J. R. SWEENEY, Budapest-New-York 2006 (*Central European University Press*, 4).

completado pelas fontes arqueológicas e epigráficas que apresentam pouco a pouco preciosos elementos sobre a evolução política, cultural e religiosa da região.

O estudo das cortes Croatas do século IX ao XI coloca vários problemas preliminares, a começar pela origem, identidade e localização dos Croatas. Estas questões complexas deram lugar a trabalhos recentes difíceis de serem resumidos em algumas palavras<sup>6</sup>. Contentemo-nos de lembrar que o etnônimo “Hrvat” parece atestado em regiões distantes umas das outras e em fontes a princípio desconhecidas de Constantino Porfirogênio, único autor a descrever uma migração de Croatas desde sua região de origem, a “Croácia Branca”, situada na cadeia de Ródopes, massivo montanhoso entre o Sul da Bulgária e o Nordeste da Grécia<sup>7</sup>. A despeito das incertezas sobre a origem e a localização dos Croatas da Alta Idade Média, pensamos, no entanto, que tal reflexão constitui um meio privilegiado para reformular, em um segundo momento, o debate sobre a organização curial do Reino croata. Com efeito, a produção diplomática do *Ducatus* e do *Regnum* Croatas permite desconstruir as representações românticas ou nacionalistas da primeira Croácia independente, sem perder de vista a evolução institucional, social e territorial do Reino Croata que se afirma pouco a pouco em um espaço por muito tempo dominado pela administração bizantina<sup>8</sup>. Ela contém, além, outros elementos constitutivos de uma vida de corte (a presença de um soberano, de seus próximos, mas também a existência de residentes, de uma rede de sociabilidade, de uma atração cultural e de uma centralidade ou de um espaço políticos<sup>9</sup>) que colocam também em evidência o papel determinante do papado no processo de espacialização e de estabilização do Reino Croata nos séculos X e XI. Não é para falar de diplomacia que evocaremos, na uma última parte, as relações entre o papado e as elites croatas, mas para tentar compreender o papel do papado, presente na região desde a Anti-

---

<sup>6</sup> Sobre o processo de aculturação dos Eslavos na antiga província romana da Dalmácia e sobre a formação de uma identidade étnica e histórica croata na Alta Idade Média, ver: DZINO, D. *Becoming Slav, Becoming Croat: Identity Transformations in Post-Roman and Early Medieval Dalmatia*. Leiden-Boston, 2010, p. 14-31; BELLAMY, A. J. *The Formation of Croatian national Identity: a Centuries-old Dream*. Londres, 2004; BORRI, F. *White Croatia and the arrival of the Croats: an interpretation of Constantine Porphyrogenitus on the oldest Dalmatian history*. *Early Medieval Europe*, 19, 2011, p. 204-231; CURTA, F. *The early Slavs in the northern and eastern Adriatic region. A critical approach*. *Archeologia Medievale*, 37, 2010, p. 307-329; FINE, J. V. A. *Croats and Slavs: Theories about the Historical Circumstances of the Croats' Appearance in the Balkans*. *Byzantinische Forschungen*, 26, 2000, p. 205-218; PITEŠA, A. *The Slavs and the early Croatian state, in Dalmatia. Research in the Roman Province, 1970-2001*. Oxford, 2006, p. 193-212; SUPIČIĆ, I. (ed.) *Croatia in the Early Middle Ages: A Cultural Survey*. London-Zagreb, 1999 (Croatia and Europe, 1).

<sup>7</sup> BORRI, F. Op. Cit nota 6, p. 213-221.

<sup>8</sup> Sobre a situação da Dalmácia na administração bizantina, ver: PRIGENT, V. *Notes sur l'évolution de l'administration byzantine en Adriatique (VIII<sup>e</sup>-IX<sup>e</sup> siècle)*. *MEFRM*, 120, 2008, p. 393-417. Sobre os “estrategistas” ou “proconsuls” bizantinos na Dalmácia, ver: FERLUGA, J. *L'amministrazione bizantina in Dalmazia*, Venezia, 1978, (Deputazione di storia patria per le Venezie. Miscellanea di studi e memorie, XVII) e GUILLAND, R. *Études sur l'histoire administrative de l'empire byzantin*. *Revue des études byzantines*, 1957, 15, p. 5-41.

<sup>9</sup> Sobre a espacialização da corte na Idade Média, ver: FANTONI, M. *Introduzione. La corte e lo spazio: trent'anni dopo*, in *La corte e lo spazio: trent'anni dopo*. IN: *Cheiron*, 55-56, 2011, p. 7-27.

guidade Tardia<sup>10</sup>, na construção histórica e historiográfica das cortes croatas, como se de um poder que favoreceu o desenvolvimento da Reforma Gregoriana na Dalmácia.

## O Reino Croata nos séculos IX-XI: um *imperium* para conquistar um território?

### 1. A “origem” dos Croatas e do Reino da Dalmácia-Croácia: história e historiografia

O *De administrando imperio* do Imperador Constantino Porfirogênito é um dos primeiros textos a propor uma explicação sobre a origem dos Croatas<sup>11</sup>. Constantino descreve a devastação da Dalmácia e faz alusão aos Croatas na segunda vaga de invasão desta região habitada por “*Romanoi*” cristianizados por Roma desde há muito tempo. O capítulo 30 do *De administrando imperio* faz eco às narrativas antigas sobre a migração dos Croatas na Dalmácia desde uma terra de origem (a “Croácia Branca”) e trata da vitória dos Croatas sobre os Ávaros<sup>12</sup>. Segundo um estudo recente de F. Borri é provável que o Imperador, único autor a descrever a migração dos Croatas desde sua região de origem até a Dalmácia, não faz alusão a um grupo étnico original, mas “procurava no passado uma explicação da situação contemporânea”<sup>13</sup>. Esta migração de Croatas seria, então, uma invenção literária que permitiu explicar o processo complexo do surgimento de “uma nova elite”, chamada de Croatas, a uma posição dominante na Dalmácia nos séculos X e XI<sup>14</sup>. Se a hipótese de existência de uma “Croácia Branca” unificadora dos grupos de Croatas instalados na Europa central e na Dalmácia foi difundida por Constantino, é possível que, antes de tudo, ela respondesse ao seu desejo de explicar a situação complexa que se oferecia a ele. Mas a “filiação” entre a Croácia e a Croácia Branca coloca em relação realidades étnicas sem vinculação histórica. Na dúvida, é impossível identificar a *origo gentis* dos Croatas segundo o *De administrando imperio* que

---

<sup>10</sup>A atitude do papa Gregório o Grande em relação à igreja e às elites dálmatas no final do século VI ilustra perfeitamente o pragmatismo e a flexibilidade da diplomacia papal, indispensáveis para manter uma posição dominante na região. Sobre as relações entre a Igreja de Roma e a Igreja Dálmata, ver: LENZI, F. *I rapporti della Chiesa Salonitana con la Chiesa di Roma. Bullettino di archeologia e di storia dalmata*, 1909, p. 113-128. Nós realizamos um estudo aprofundado sobre as relações entre o papado e as autoridades dálmatas desde as origens até a Reforma Gregoriana durante o processo de nossa Habilitação para dirigir pesquisas.

<sup>11</sup>A importância dos capítulos 29 e 36 do *DAI* consagrados à história croata incitou inúmeros editores a publicá-los separadamente: por exemplo *Documenta Historiae Chroaticae periodum antiquam illustrantia*, ed. F. RAČKI, Zagreb, 1877 (*Monumenta spectantia historia Slavorum Meridionalium*, 7), p. 264-419.

<sup>12</sup>*DAI*, 30, p. 142 et sq.

<sup>13</sup>BORRI, F. Op. cit. nota 6, p. 228; ver também CURTA, F. Op. Cit. Nota 6, p. 138-139.

<sup>14</sup>IDEM, p. 228-231.

mostra, sobretudo, a heterogeneidade do material documental e narrativo do qual ele dispunha sobre os Croatas, cuja origem não aparecia claramente no século X<sup>15</sup>.

Se não podemos determinar com certeza de onde eles vieram, podemos nos perguntar onde se encontravam: situando sua formação nas fronteiras do Império dos Ávaros, Walter Pohl viu neles os guardas-fronteiras do Império Ávaro, cuja formação em grupo étnico autônomo estaria presente apenas no século IX<sup>16</sup>. Ele considera que o termo *Chroatus* poderia ter tido, no século VII, um significado funcional e não étnico, e que os Croatas do século VII teriam sido guerreiros destas regiões fronteiriças. O termo Croata teria conhecido uma evolução semântica que lhe fez designar finalmente um povo instalado entre a Dalmácia e a Panônia. Outras hipóteses foram formuladas recentemente: F. Borri situa este processo semântico ainda mais tarde, ao fazer da vitória croata sobre os Búlgaros a origem da “formação de uma nova elite sobre as fronteiras dálmatas do reino búlgaro”<sup>17</sup>. Em todo caso, é certo que a confrontação com os Búlgaros fornece a primeira atestação segura sobre este grupo de homens chamados de “Hrvati” (nomes dados por seus vizinhos ou por eles mesmos, em referência a outras regiões da Europa central). Constantino Porfirogênito atribuiu-lhes ainda mais importância ao constituir-os como um aliado potencial contra os Búlgaros, apostando de algum modo sobre o desenvolvimento deste grupo étnico em plena expansão. No entanto, a frágil importância dos Croatas na documentação é sem dúvida a prova da dificuldade deles afirmarem-se como grupo, em razão de sua heterogeneidade e de suas lutas internas. Isto não nos impede de considerar que uma nova elite (os Croatas da Dalmácia) se afirmou militarmente e politicamente na Dalmácia a partir do século IX.

A partir das fontes disponíveis, é difícil determinar com precisão a localização dos Croatas por meio de seus lugares de poder e das séis da corte: a raridade, o caráter duvidoso, construído e, frequentemente, muito tardio da documentação textual (algumas vezes conhecida unicamente pelas cópias ou traduções modernas, como o ato de doação à Igreja de Split do rei Tirpimir de 852, o primeiro documento onde aparece a expressão “*dux Chroatorum*”, conhecido apenas através de uma cópia do século XVI<sup>18</sup>) torna indispensável o recurso à arqueologia. Uma lista dos possíveis sítios a terem abrigado a corte dos soberanos croatas (Nin, Klis, Bijaći, Salone, Biograd, Šibenik, Almissa, Knin et Poljica) foi posta em causa nos anos

---

<sup>15</sup> IDEM, p. 222-228 e ŽIVKOVIC, T. *Sources de Constantin VII Porphyrogénète concernant le passé le plus ancien des Serbes et de Croates*. *Byzantina Symmeikta*, 20, 2010, p. 11-37. Sobre as representações dos Eslavos do sul na literatura bizantina e no pensamento de Constantino Porfirogênito, ver: MALAMUT, É. *Les adresses aux princes des pays slaves du sud dans le Livre des cérémonies, II, 48: interprétation*. *Travaux & Mémoires*, 13, 2000, p. 595-615.

<sup>16</sup> POHL, W. *Das Awarenreich und die « kroatischen » Ethnogenesen*. IN: FRIESINGER, F. DAIM (ED.) *Die Bayern und ihre Nachbarn*. Wien, 1985 (Veröffentlichungen der Kommission für Frühmittelalterforschung, 9), p. 293-298. *Die Awaren. Ein Steppenvolk in Mitteleuropa. 567-822 n. Chr.* München, 2002, p. 261-268.

<sup>17</sup> BORRI, F. *Op cit.* nota 6, p. 230.

<sup>18</sup> CDCDS, 3 (852), pp. 3-8.

1930 por Ljubo Karaman, que preservou apenas os sítios de Nin, de Biograd e, em Knin, aquele de Biskupija e sua fortaleza como residências reais no século XI<sup>19</sup>. Para o período precedente, a documentação diplomática evoca também o sítio de Bijaći, perto de Trogir, e de Klis, perto de Salone, que parecem ter sido as primeiras residências ducais, situando o coração do poder croata no século IX na vizinhança da antiga Salone, demonstrando assim a continuidade da posição dominante desta região no primeiro reino croata logo após o abandono da antiga capital dálmata no início do século VII. Fundamentando-se sobre estes elementos diferentes, A. Milošević concentrou-se recentemente sobre duas localizações suscetíveis de ter acolhido as cortes dos soberanos croatas na Dalmácia: a primeira, vizinha da Igreja Santa Marta em Bijaći, perto de Trogir, foi construída sobre os restos de uma construção rural da época romana e de um complexo paleocristão, ainda que a segunda seja um complexo construído *ex nihilo*, vizinho à Igreja Santa Maria em Biskupija perto de Knin<sup>20</sup>. A localização destas residências – que aparecem como as únicas expressões espaciais da corte<sup>21</sup> – parecem demonstrar que os soberanos croatas não possuíam residências permanentes, mas reinavam sobre diversas cortes dispersas na



**Figura 1 - Tentativa de localização das cortes croatas**

Dalmácia. Desde então, parece que a expressão “*ducatus Sc[il]avorum*”, que passou ao longo do século IX, de Domagoi a Svedeslav depois para Branimir, não designava uma entidade geográfica definida no sentido em que se entende habitualmente o *ducatus*. Correspondia muito mais a uma forma de *imperium*, de autoridade sobre os Eslavos da Dalmácia. Além disso, falar “Croácia”, no sentido de um espaço delimitado situado sob uma autoridade seria, sem dúvidas, abu-

<sup>19</sup> KARAMAN, L. *Jesu li u Bijaćima kod Sv. Marte bili hrvatski kneževski dvorovi? Iz kolijevke hrvatske prošlosti*. Zagreb, 1930, p. 149-163.

<sup>20</sup> MILOŠEVIĆ, A. *Due esempi di corti reali altomedievali in Croazia*. *Hortus Artium Medievalium*, 13, 2007, p. 87-101.

<sup>21</sup>Ver: FANTONI, *Introduzione*. Op. cit. nota 9.

sivo.

A ausência de uma entidade geográfica croata claramente definida torna-se ainda mais importante a evocação, nas fontes, de residências curiais que resumem, de todo modo, o espaço croata, se é que esta expressão tinha um sentido para o período considerado. O vocabulário, que permite representar os lugares da corte na documentação, não tem nada de original: se o termo “*regalis curia*”<sup>22</sup> não aparece senão no século XI, encontramos frequentemente os termos genéricos e problemáticos “*curtis*”, “*domus*”, “*villa*”, “*solium*”, ou “*cenaculum*”<sup>23</sup>, que designam mais a “residência” que a “corte” em sua complexidade. Desde meados do século IX, o ato de doação do monastério real de Rižinice à Igreja de Salone, datado de 852, menciona a *curtis* de Klis (*curte nostra, Clisa dicitur*) e parece situar a residência ducal perto do monastério de Rižinice, fundado pelo duque Tirpimir, onde foi encontrada a inscrição PRO DUCE TREPIME[ro]. Os atos do fim do século IX evocam também, às vezes, a presença da corte em torno do *dux*, como demonstra o ato de Muncimir, redigido em Bijaći, em 892, o qual atesta a permanência do *dux* e de sua corte (*cum meis cunctis fidelibus et primatis populi*) no mesmo lugar que acolhia seu pai (*paterno solio*). O termo “*curtis*” é ainda empregado no final do século XI, em um ato de doação do rei Krešimir IV, datado de 1059 (*curte quod Rogova dicitur*), sem se referir necessariamente a uma residência real, mas a uma moradia de prestígio, formada por um conjunto de pessoas, o que já era um uso comum na diplomacia carolíngia. Outro ato de doação do rei Krešimir IV, datado de 1069, no qual o rei croata dá a ilha de Naum ao monastério de Saint-Krisogone de Zadar, mostra que o vocabulário topográfico ainda não é preciso, já que ele evoca a residência do rei em seu *cenaculum* em Nin (*in nostro Nonensi cenaculo*), onde se reencontra com seus *župans*, seus condes, seus bans e seus capelães. A diversidade do vocabulário e a dificuldade de lhe atribuir um significado preciso confirmam a dispersão das sés da corte e a ausência de uma definição clara de espaço curial que parece dependente, sobretudo, da localização do soberano.

## 2. O soberano e a rainha

O primeiro emprego da expressão *dux chroatorum* encontra-se no ato de doação de Tirpimir, na Igreja de Split, em 852, que confirma a doação realizada por seu predecessor Mislav. Sobre esta base, a historiografia tradicional considera Tirpimir como o primeiro duque da dinastia dos Tirpimirović à qual iria pertencer,

<sup>22</sup> CDCDS, 82 (1069), p. 114: *et nostre regali curie*.

<sup>23</sup> **Idem**, 3, p. 5 (852 - dux Tirpimir): *curte nostra, Clisa dicitur*; **Idem**, 20, p. 23 (892 - dux Muncimir): *His ita habentibus comperto placuit mihi Muncimir, diuino munere iuuatus Chroatorum dux, residente paterno solio, diuino spiramine communi Consilio cum meis cunctis fidelibus et primatibus populi omni [...]. Actum est in Biaci ante fores ecclesiae sanctae Martae martirae [...] horum palam testibus consentientibus atque subscriptibus*; **Idem**, 64, p. 88 (1060 - rex Krešimir IV): *curte quod Rogova dicitur*; **Idem**, 82, p. 113 (1069 - rex Krešimir IV): *in nostro Nonensi cenaculo*; **Idem**, 134, p. 170 (1076-78 - rex Zvonimir): *in villa regali, quo in loco iam dicta ecclesia sancte Maria sita uidetur*.

segundo a legenda nacional, todos os duque e reis croatas de 845 a 1091, até antes da chegada dos Húngaros. As cartas pontificais endereçadas aos soberanos croatas contêm informações sobre a evolução institucional do poder croata: Branimir, em 879, é o primeiro regente a ser reconhecido oficialmente pelo papa João VIII como *dux Croatorum*, enquanto seu predecessor Svedeslav, pro-bizantino foi qualificado pelo papa pela simples expressão *comes Chroatorum*. Cerca de meio século mais tarde, em 925, uma carta do papa João X endereçada a Tomislav, “rei dos Croatas” é considerada como o reconhecimento por Roma da unificação do *Regnum* – representação ainda onipresente na memória das origens da nação croata, mesmo que, nesta documentação croata, o termo “*rex*” apareça pela primeira somente em 950, em um ato do rei Krešimir II. É também a partir do final do século IX que aparecem pela primeira vez outras figuras da família real, a começar pelas rainhas: a mais célebre representação é o epitáfio da rainha Jelena, esposa de Krešimir II (949–969) e mãe do rei Stjepan Držislav (969–997), morto em 976; ao final do século IX, conhecemos também a rainha Jelena Lijepa, filha do rei húngaro Béla I que se tornou esposa do último rei croata Zvonimir. Se a documentação é insuficiente para compreender as relações familiares no seio da dinastia croata, ela revela uma função importante da rainha, apresentada como a “mãe dos órfãos e patrona das viúvas” segundo o texto do epitáfio da rainha Jelena<sup>24</sup>. Esta função confere à rainha o papel de patrona e de guardiã do povo, papel este que pertencia até então aos soberanos e aos bispos. O casal real é, então, representado, desde o fim do século IX, como o protetor do povo da Dalmácia-Croácia.

Outra inscrição recentemente descoberta relançou o debate sobre as representações das rainhas croatas: são muitos fragmentos lapidários do altar da Igreja Saint-Vitus de Klis onde se encontraria, nós o vimos, a primeira residência da corte ducal em meados do século IX, sob o reino de Tirpimir. Estes fragmentos contêm rendilhados característicos da escultura pré-romana, assim como pedaços de uma ara votiva em homenagem a rainha e restituídas da maneira que se segue: ORUM FILIU(S)...., MEA DOM(N)A S(C)LAVA REGINA... Segundo Radoslav Bužančić, “ainda que digam respeito a fragmentos distintos, está claro que são as partes de uma mesma inscrição em referência à esposa do soberano ou do rei”<sup>25</sup>,

<sup>24</sup> In hoc) (t)UMULO Q(ui)ESCIT HELENA FAMO(sa) (quae fui) UXOR MICHAELI REGI MATERQ(ue) STEFANI R(egis) (pacemque) (obt)ENUIT REGNI. VIII IDUS M(ensis) OCT(obris) (in pac)E HIC OR(dinata) FUIT AN(no) AB INCARNA(tione) (Domini) DCCCCLXXVI IND. IV CICL(o) L(un) V. (ep) XVII (ciclo sol) V LUN. V. (conc)URRENTE VI. ISTAQ(ue) VIVENS FU(it) REGN(i) MATER FUIT PUPILOR(um) TUTO(rque) VIDUAR(um) ICQUE ASPICIENS VIR ANIME DIC MISERERE DEUS.

<sup>25</sup> BUŽANČIĆ, R. *Crkve Sv. Vida na Klisu i Sv. Marije u Blizni Gornjoj. Prilog proučavanju vladarske predromaničke arhitekture IX. stoljeća (The Churches of St Vitus at Klis and of St Mary in Blizna Gornja. A contribution to the Study of Royal pre-Romanesque Architecture of the 9<sup>th</sup> Century). Prilozi povijesti umjetnosti u Dalmaciji*, 42, p. 29-67; p. 63. Agradecemos vivamente Radoslav Bužančić por nos ter mostrado esta publicação sobre a inscrição da igreja Saint-Vitus de Klis.



que identifica “provavelmente o próprio Tirpimir”<sup>26</sup>. Esta interpretação lança várias questões maiores: primeiramente, faz remontar a representação de uma rainha ao século IX ainda que o termo “rei” não apareça na documentação antes de meados do século X; em seguida, insiste sobre a origem “eslava” da mulher do rei, sugerindo que a representação da corte croata é, desde sua primeira ocorrência, indissociável de suas origens eslavas.

A expressão *regalis aula*<sup>27</sup> é, no entanto, tardia. Ela aparece pela primeira vez no ato de 1069, pelo qual o rei Krešimir IV dá a ilha de Naum ao mosteiro de Saint- Krisogone de Zadar. Este documento desempenha um papel essencial nas representações da corte do poder real, como o mostram as primeiras ocorrências de expressões “*regalis aula*”, “*regalis curia*”, mas também as expressões “*beate memorie Cresimiri regis patrisque mei regis Stephani*”, “*nostre regie dignitatis*”, “*successoribus meis regibus*” que tentam inscrever o rei Krešimir na história da sucessão dinástica. Os atos conservados indicam que seria errôneo ter uma visão linear da soberania e da sucessão dinástica dos Tirpimirović entre o século IX e XI. Mas também seria falso não ver a organização progressiva das estruturas do poder e da corte croatas durante este período. Refletindo sobre a diversidade da geografia curial e a evolução institucional da soberania croata, a documentação revela preciosos elementos sobre a estrutura, os componentes e a extensão territorial do *imperium* croata.

## Funcionamento e organização do reino croata

### 1. A “chancelaria da corte do rei” e a produção diplomática

Os atos de doação são particularmente interessantes para compreender a administração da corte. O protocolo final do ato do rei Krešimir IV, em 1069, revela a existência, perto de Krešimir, de uma “chancelaria da corte do rei”, que realiza alguns de seus atos<sup>28</sup>. Se a expressão *aule regis cancelarius* não permite deduzir a existência de uma chancelaria propriamente dita, confirma a presença de um “chanceler” do rei na pessoa do bispo Anastácio. O fato deste chanceler ser um bispo, designado pela expressão *Cruatensis episcopus*, ilustra a colaboração das elites eclesiásticas e civis e a integração das elites eclesiásticas na estrutura da corte. Um século antes, o ato do *prior* de Zadar, de dezembro de 986, já atraía nossa atenção sobre a importância do papel do bispo na produção documental destas chancelarias dálmato-croatas e não somente na chancelaria real, já que o *prior* de Zadar Maius era, ao mesmo tempo, a autoridade administrativa maior da comunidade de Zadar e tam-

<sup>26</sup> IDEM, p. 64. R. Buzančić propõe que se complete o fragmento gráfico ORUM FILIU(S) ao restituir o título de soberano croata (REX SCLAV)ORUM FILIU(S) fazendo diretamente referência a Tirpimir.

<sup>27</sup> CDCDS, 82 (1069), p. 113 : *cum nostris iupanis, comitibus atque banis, capellanis etiam nostre regalis aule cogitare cepi*.

<sup>28</sup> IDEM, p. 114: *Ego Anastasius, huius cirographi dictator, Cruatensis episcopus et aule regis cancelarius, iussu et uoluntate predicti domini mei regis scripsi et confirmaui feliciter in ciuitate Nona..*

bém o pro-cônsul da Dalmácia bizantina. A assinatura mostra, com efeito, que o documento fora redigido e validado por um bispo de Zadar também chama-do Anastácio<sup>29</sup>. A presença de membros do clero, bispo ou diácono, na corte, desde o século X, constituía um reserva preciosa para a Igreja dálmata-croata no seio da administração local e ducal. Mas ela também aproveitava na administração curial das competências de um bispo que dominava a retórica administrativa. Isto é particularmente visível no ato do ato de 1069 que é apresentado por Anastácio como um quirógrafo, chamado também de contrato de frete (*charta partita*), ato complexo composto de duas partes idênticas, cada uma a ser dada para ambas as partes<sup>30</sup>. O formulário, o vocabulário e a estrutura dos atos de doação confirmam a dependência da produção diplomática croata em relação à retórica administrativa das chancelarias ocidentais dos séculos X e XI, como o testemunham por exemplo os numerosos dispositivos de ameaça e a repetição de fórmulas de anátema<sup>31</sup>. A influência de fórmulas diplomáticas não é a única explicação da repetição de ameaças ao anátema que revelam também a existência da contestação no seio da sociedade croata.

## 2. Representar a unidade da corte

Com efeito, as doações régias e aristocráticas suscitavam as reticências de alguns proprietários fundiários que viam nelas uma ameaça de desmembramento ou de empobrecimento em proveito dos mosteiros beneditinos, da metrópole de Split-Salone ou do patrimônio de São Pedro. Algumas vezes estas contestações colocavam em oposição igrejas rivais que reivindicavam a posse de um bem, como demonstra o ato de 28 de setembro de 892, pelo qual o *dux* Mincimir confirma o caráter definitivo de uma antiga doação do *dux* Tirpimir feita meio século mais cedo e arbitra, em proveito da igreja de Salone, o conflito (*magna lis; contentiones*) que a opõe a Igreja de Nin. O ato, que reproduz em discurso direito os argumentos das duas partes representadas pelo arcebispo Pedro de Split e o padre Aldefreda de Nin, é especialmente mais interessante, pois apresenta o *dux* como árbitro do conflito eclesiástico que opõe os *praesules* de Salone e de Nin pela posse da igreja de São Jorge de Petalium<sup>32</sup>.

<sup>29</sup> IDEM, 31 (19 décembre 986 ?), p. 45.

<sup>30</sup>Ver: BISCHOFF, B. *Zur Frühgeschichte des mittelalterlichen Chirographum*. *Archivalische Zeitschrift*, 50-51, 1955, p. 297-300; TRUSEN, W. *Chirographum und Teilurkunde im Mittelalter*. *Archivalische Zeitschrift*, 75, 1979, p. 232-249.

<sup>31</sup>Encontramos, quase que sistematicamente, a estrutura comum das fórmulas de anátema da Europa cristã (cólera de Deus, campo de exclusão, enunciado de anátema acompanhado ou não da palavra *maranatha* e colocada sob a autoridade de 318 Pais, rejeição do excluído da sociedade dos reprovados, maldições) estudadas por BOUGARD, F. *Jugement divin, excommunication, anathème et malédiction: la sanction spirituelle dans les sources diplomatiques*. IN: BÜHRER-THIERRY, G.; GIOANNI, S. (dir.). *L'anathème et l'excommunication dans les sociétés du haut Moyen Âge*. Turhnout, 2015 (no prelo).

<sup>32</sup> CDCDS, 20 (892), p. 23.

Após se referir às contestações e cláusulas de advertência, o ato de 892 tenta, todavia, demonstrar que estas contestações são atenuadas pela unidade e pelo consenso da corte: confirma a antiga doação de Tirpimir diante dos fiéis do rei e dos representantes do povo reunido em Conselho (*communi consilio cum meis cunctis fidelibus et primatibus populi omni*)<sup>33</sup>, ao citar uma longa lista de testemunhos onde aparecem todas as elites da corte<sup>34</sup>. Esta lista de testemunhos permite fixar e representar o laço unânime em torno do *dux*, sustentado pelo conjunto dos onze *župans*, reunidos publicamente (*palam*) diante da igreja Santa-Marta em Bijaći e, parece, conforme uma ordem hierárquica, pois depois do *dux* vem imediatamente o “*zuppani palatti*”, que corresponde a um tipo de “conde do palácio”<sup>35</sup>. Em seguida, os *župans* são designados pela indicação de um lugar, de um nome ou de uma atividade, o que contribui para representar uma forma de organização de responsabilidades em torno do *dux*. Esta função de representação, em um ato destinado a confirmar uma doação antiga, é tão importante que parece ser o objetivo principal deste ato: representar a corte, fazê-la ser vista, dar-lhe realidade, mostrar sua coesão. Esta imagem da corte adquire ainda mais força ao ser sancionada por um signo visível de validação suprema: o selo do cordeiro do *dux* (*annulo nostro ... in calce signari*)<sup>36</sup>, o qual constitui a primeira atestação de um selo real croata. A função representativa dos atos alcança aqui uma expressão notável que desperta naturalmente a suspeita sobre a autenticidade deste documento, supondo-se ter sido produzido na corte de um duque croata do fim do século IX... É, por exemplo, muito surpreendente acompanhar o surgimento do título “*comitissa*”, cuja presença na lista das testemunhas parece associar diretamente “a esposa aristocrática à gestão do poder e coloca em cena o casal, tanto como ator social quanto político”<sup>37</sup>, processo muito

<sup>33</sup> IDEM, p. 23.

<sup>34</sup> IDEM, p. 24: *Signum manu Budimiro, zuppani palatii. Signum manu Zellirrico, zuppano Cleoniae. Signum manu Petro zuppano. Signum manu Prisna, maccerarii zuppano. Signum manu Pruade, zuppano cauallario. Signum manu Zelestro, zuppano camerario. Signum manu Zestededo, zuppano pincernario. Signum manu Bolledrago, zuppano carniciario. Signum manu Budimiro, zuppano comitissae. Signum manu Cresamustlo, camerario secundo. Signum manu Stephano filio Budimiri, camerario tertio. Signum manu Zellidrago, maccerario comitissae. Signum manu Pribitreco, filius Petri, zuppano. Signum manu Dragazay, filio Semicasin. Signum manu Augina, zuppano armigeri. Signum manu Zitallo, superposito monasterio. Signum manu Sibidrago, zuppano Clesae [...].*

<sup>35</sup> A instituição dos Condes (*županija*) parece ser contemporânea do reinado de Tirpimir (845-864), os *župans* aparecem ao redor do *dux* na lista dos testemunhos de atos ducais desde a ata de doação de 852 à igreja salnitana. Se as dúvidas que pesam sobre a autenticidade deste documento nos incitam à maior prudência, o aparecimento do *regnum*, um século mais tarde, confirma a perenidade desta organização já que o primeiro rei, Tomislav (910-928), administra seu reinado com um grupo de 11 condes (dirigidos por 11 *župans*) e um ban que ocupa imediatamente o lugar após o rei.

<sup>36</sup> CDCDS, 20 (892), p. 24 : *Actum est in Biaci ante fores ecclesiae sanctae Martae martirae tempore et diandium nuper, ut fuimus, horum palam testibus consentientibus atque subscribentibus. Deinde, ne aboliatur in posterum, annulo nostro iussimus in calce signari.*

<sup>37</sup> LE JAN, R. *Le couple aristocratique au haut Moyen Âge*. IN: Joye, S.; Santinelli-Foltz, E.; Bühner-Thierry, G. (ed.). *Le couple dans le monde franc. Médiévales*, 65, 2013, p. 33-46.

raro, por ser uma *comitissa* anterior ao século X<sup>38</sup>. Sem querer contestar absolutamente a autenticidade do ato de 892, estes elementos nos convidam à maior prudência na interpretação da lista de testemunhos, da organização e coesão da corte que ela reflete. É verdade, no entanto, que inúmeros atos anteriores ao século XI insistem sobre o caráter consensual destas doações ou sobre as decisões políticas que emanam do rei ou, ainda, sobre as elites dalmato-croatas onde coexistem latinos e eslavos.

### 3. A extensão territorial do Reino da Croácia

O principal ensinamento da documentação curial é sem dúvida a espacialização crescente do *imperium* croata que tende cada vez mais a corresponder a um território. Com efeito, os atos de doações são a ocasião para o rei e sua corte exprimirem sua propriedade sobre os lugares que o soberano dá aos mosteiros beneditinos ou às igrejas dálmatas. Assim, no ato de dezembro de 1069 pelo qual o rei doa ao monastério Saint-Krisogone de Zadar a ilha de Naum em agradecimento “pela expansão de [seu] reino sobre a terra e sobre o mar pela graça de Deus todo poderoso”, o rei Krešimir IV aproveita a ocasião para pronunciar seus direitos sobre esta ilha ao lembrar que ela lhe pertence sob o mesmo título que o mar da Dalmácia<sup>39</sup>. A espacialização progressiva do primeiro Reino croata dependeu da natureza de suas relações com as forças exteriores, notadamente o Império Bizantino, o Império Franco e o Papado.

No que concerne ao Império Bizantino, o melhor exemplo é, sem dúvida, o testemunho do Imperador Constantino Porfirogênito que consagra três capítulos à origem e à história dos Croatas da Dalmácia. Parece-nos que esta é a prova da importância estratégica do Reino Croata aos olhos dos Bizantinos. O bom acordo com as autoridades croatas é de tal maneira importante que a administração bizantina não hesita em criar um sistema de isenção fiscal, autorizando os habitantes do *Thème* da Dalmácia a verter para a administração croata os impostos que eles enviavam antes ao estrategista<sup>40</sup>. Apesar das posições contraditórias dos *duces* sucessivos que incitaram a intervenção direta dos poderes exteriores, muitos elementos demonstram também os laços fortes entre a corte croata e os Francos. O ato de doação do *dux* Tirpimir à Igreja de Split-Salone, em 852, que data esta doa-

---

<sup>38</sup> A presença de uma condessa na lista de testemunhos de um ato curial revela uma forma de agregação das famílias nobres em torno do soberano (*dux* ou *rex*). Ela já era visível na sociedade curial carolíngia.

<sup>39</sup> CDCDS, 82 (1069), p. 113 : *nostram propriam insulam in nostro Dalmatico mari sitam. [...] tautem hec nostra donatio in eternum fundetur et stabilitate perpetua perseueret, eam, nostra nostrorumque episcoporum attestacione simulque cum testacione astringimus et inuiolabiter premunimus, statuentes.*

<sup>40</sup> PRIGENT, V. Op. cit. nota 8, p. 413: o imperador Constantino VII Porfirogênito relata, com efeito, que seu avô Basílio I acordou “aos habitantes das ilhas dálmatas que haviam estado na costa, sob a pressão dos piratas eslavos da Narenta [...] o direito de pagar a partir de agora aos Croatas aquilo que entregavam ao estrategista, [aceitando] se contentar com um pequeno dom simbólico de sua submissão” (Prigent cita *DAI*, § 30, l. 120-142).

ção do reino de Lotário<sup>41</sup>, constitui uma das provas principais da aliança do *dux Chroatorum* com os Francos e com o *Regnum Italiae*. O desenvolvimento do culto de São Martinho na Dalmácia-Croata na Alta Idade Média mostra igualmente a atividade sustentada por missionários francos<sup>42</sup>, mesmo se o culto de São Martinho pareça atestado na Dalmácia desde o século VI<sup>43</sup>. A estadia do teólogo Gottschalk na corte de Tirpimir, entre 848 e 850<sup>44</sup>, ilustra igualmente os laços entre a corte croata e a corte do *comes* Evrard do Frioul, o genro de Luís, o Pio, na qual havia estado Gottschalk<sup>45</sup>. F. Borri contesta esta interpretação e considera, com base no testemunho tardio da *Istoria Veneticorum* de João Diácono no início do século XI, que Gottschalk havia ido à corte de Tirpimir e não se valido de uma rede de trocas culturais e políticas<sup>46</sup>. Mas a narrativa que Gottschalk fez de sua estadia em um dos raros fragmentos conservados de seu tratado *De Trina deitate* mostra que ele conduziu uma verdadeira atividade missionária na corte de Tirpimir, onde ele inspirou, talvez, a fundação do mosteiro real de Rižinice<sup>47</sup>. Se estes elementos são inverificáveis no estado atual de nosso conhecimento, consideramos que Gottschalk não foi à corte de Tirpimir, mas aproveitou-se das redes de Evrard que englobavam a corte croata. Testemunha-o também o célebre evangeliário de Cividale do Friuli sobre o qual estão inscritas assinaturas autografadas coletadas no percurso de peregrinos, incluindo a do *domnus Tirpimir*.

As redes políticas e familiares da corte croata estendem-se bem para além do Frioul e da Dalmácia. Uma carta do papa João VIII, escrita em 879 ao *comes* croata Sedesclav, pede a seu correspondente que acolha bem o legado pontifical, que vele pela sua comida e por suas vestes e o ajude a chegar ao rei dos Búlgaros Michel<sup>48</sup>.

<sup>41</sup> CDCDS, 3 (852), p. 4: *Regnante in Italia piissimo Lothario, Francorum rege, per indictionem XV sub die IIII Nonis Martii.*

<sup>42</sup>ZARADIJA KIŠ, A. *La tradition de saint Martin en Croatie. XVI centenaire de la mort de Saint Martin*, Tours, 1997 (Mémoires de la société archéologique de Touraine, 53), p. 267-278; *Odras hagiografske tradicije sv. Martina u hrvatskoglagoljskim rukopisima. Drugi hrvatski slavistički kongres (zbornik radova), I*, Zagreb, 2002, p. 299-307; *Between West and East: A Particularity of the Croatian Island Cult of St Martin. Folks Art. Croatian Journal of Ethnology and Folklore Research*, 1, 2004, p. 41-52.

<sup>43</sup>CHEVALIER, P. *Salona II. Ecclesiae dalmatiae*, II, Rome-Split, 1995, p. 44.

<sup>44</sup>Sobre a estadia de Gottschalk na corte de Tirpimir: KATIĆ, L. *Saksonac Gottschalk na dvoru kneza Trpimira*, in *Bogoslovska smotra*, 20(4), 1932, p. 403-432; KATIĆIĆ, R. *Literatur- und Geistgeschichte der Kroatischen Frühmittelalters*. Vienna, 1999 (Osterreichische Akademie der Wissenschaften. Philosophisch-historische Klasse Denkschriften. Schriften der Balkan Kommission Philologische Abteilung, 40), p. 296-303; BORRI, F. *Francia e Croatia nel IX secol: storia di un rapporto difficile*. *MEFRM*, 120, 2008, p. 87-103.

<sup>45</sup>Ver também as relações entre a vizinha Istria e os Francos: LEVAK, M. *Slaveni vojvode Ivana: kolonizacija Slavena u Istri u početnomrazdoblju franačke uprave, [Slavs of Duke John: The Colonisation of the Slavs in Istria at the Beginning of Frankish Rule]*. Zagreb, 2007.

<sup>46</sup>BORRI, F. *Op. Cit. nota 44*.

<sup>47</sup>KATIĆ, L. *Op. cit. nota 44*, p. 423-424.

<sup>48</sup>CDCDS, 9 (879), p. 12: *confidenter glorie tue precipimus atque mandamus, ut pro amore sanctorum apostolorum Petri ac Pauli, protectorum uestrorum, presentem legatum, quem ad gentem Vulgagorum dirigimus, salum atque incolumen uenire faciatis usque ad dilectum filium nostrum Michaellem, gloriosum regem eorum; et quecumque ei sunt necessaria ad uictum et uestimentum, illi pro dei amore administrate.*

Esta carta endereçada a Sedesclav, conhecido, portanto, por seus favores pró-bizantinos, é uma prova de que a corte croata está no coração de uma rede de relações entre Roma e o rei Búlgaro. Ela demonstra também os esforços constantes do papado, ao longo do século IX, para ganhar os favores do poder croata e estender sua influência sobre a região. Sem abordar o estudo propriamente dito das relações diplomáticas, queremos evocar, como último ponto, as consequências do intervencionismo pontifical sobre a ideologia da corte croata.

## O reino da Croácia e a Reforma gregoriana

### 1. Do monólogo pontifício à coroação de Zvonimir

A história das relações entre a Igreja de Roma e a Dalmácia na Alta Idade Média, fundamental para compreender as origens da identidade e da nação croata<sup>49</sup>, ainda tem muitas áreas obscuras<sup>50</sup>: a lenda apostólica do cristianismo dálmata, que faz remontar a cristianização de Salone a um discípulo de São Pedro, não é anterior aos séculos X-XI, e é impossível rastrear as trocas entre Roma e Salone para além do século III, com a ascensão ao trono petrino, em 283, de um papa de origem dálmata, Gaius, e, talvez, uma primeira missão romana que teria levado ao martírio de São Venâncio. Estes raros indícios transmitidos pelo *Liber Pontificalis*<sup>51</sup> são, naturalmente, hipotéticos, sendo difícil separar o que é história e o que é lenda nessas narrativas fundadoras do cristianismo e do culto dos santos dálmatas, do qual o papa João IV, ele também de origem dálmata, fez regressar a Roma as relíquias do século VII na capela de São Venâncio que tratavam do batistério de La-trão<sup>52</sup>. As tensões marcaram essa história desde a Antiguidade Tardia e o papado respondeu a elas com a introdução de uma diplomacia conquistadora entre os séculos VIII e IX, utilizando-se do envio de correspondência como um instrumento de propaganda e intimidação numa região fortemente disputada pelas autoridades bizantinas<sup>53</sup>. Uma visão geral das cartas conservadas atrai, igualmente, a atenção pa-

<sup>49</sup> BELLAMY, A. J. *The Catholic Church and Croatia's Two Transition. Religion, State and Society*, 30, 1, 2002, p. 45-61; ZRINŠČAK, S.; MARINOVIĆ JEROLIMOV, D.; MARINOVIĆ, A.; ANČIĆ, B. *Church and State in Croatia: Legal Framework, Religious Instruction, and Social Expectations*. IN: RAMET, S. P.; FRIE-SINGER, H.; DAIM, F. (ed.) *Religion and Politics in Post-Socialist Central and Southeastern Europe. Challenges since 1989*. Basingstoke, 2014, p. 131-154.

<sup>50</sup> Sobre as relações entre a Igreja de Roma e a Igreja Dálmata no final da Antiguidade tardia e Idade Média, ver: LENZI, F. *I rapporti della Chiesa Salonitana con la Chiesa di Roma. Bullettino di archeologia e di storia dálmata*, 1909, p. 113-128. Realizamos um estudo abrangente da relação entre o papado e as autoridades dálmatas desde as origens até a Reforma Gregoriana, como parte de nossa pesquisa de Habilitação para orientar trabalhos de pós-graduação. Gostaríamos fazer referência ao nosso artigo: *Les 'retraites insulaires' en Dalmatie du IV<sup>e</sup> au XI<sup>e</sup> siècle: idéal ascétique, fondations monastiques et diplomatie pontificale*. *Hortus artium medievalium*, 19, 2013, p. 99-112.

<sup>51</sup> *Liber Pontificalis*, I. DUCHESNE, L. (ed.). Roma-Paris, 1955, p. 161. Gaius representado também num afresco de A. Nucci (fim do século XVI) na Igreja de São Jerônimo dos Croatas, em Roma.

<sup>52</sup> IDEM, p. 330.

<sup>53</sup> Ver nota 8.

ra a frequência de trocas com a dinastia croata: a primeira parte do *Codex diplomaticus*, referente ao período dos séculos VIII e XI, compreende 175 documentos, dos quais 22 cartas pontifícias são destinadas às elites civis e eclesiásticas do Reino da Dalmácia-Croácia, mas apenas uma carta de um rei croata é endereçada a um representante da Igreja de Roma, um legado do papa Gregório VII, em 1075. A ausência de trocas epistolares diretas entre o papado e a dinastia croata antes de 1075 sugere que esta relação de confiança foi, talvez, mais difícil de ser conquistada do que parece à primeira vista. Se podemos supor que certas cartas não chegaram até nós, esta hipótese não pode explicar o "silêncio" epistolar por parte da dinastia croata até o último quarto do século XI. Segundo o estado da documentação, nós não podemos entender o século IX como um período de intensa troca epistolar, mas como um monólogo pontifício, ao qual respondia uma forma de indiferença, de resistência ou de hostilidade.

O dossiê mais rico da coleção, aquele das correspondências de João VIII, transmitido pelo códex Vaticano, Reg. Lat. 1, é particularmente interessante: uma carta do papa ao duque Svedeslav, datada do início de 879, evoca a “*fama*” de fidelidade de Svedeslav, embora ele tivesse tomado partido de Bizâncio<sup>54</sup>. Alguns meses mais tarde, em 7 de junho de 879, o mesmo papa João VIII, que poderia ter contribuído para a expulsão brutal de Svedeslav na primavera de 879, escreveu duas cartas dirigidas “a todos os padres e ao povo<sup>55</sup>” e também a Branimir<sup>56</sup>, nas quais ele se alegra de ter recebido uma carta em que este último proclama sua fidelidade ao papa. O confronto dessas correspondências mostra uma evolução. A “reputação” da fidelidade de Svedeslav cedeu lugar a uma “carta” que testemunha explicitamente a aliança do rei com o sucessor de São Pedro. No entanto, se deve notar que esta carta é conhecida apenas pela correspondência de João VIII e, sem querer considerar a carta do *dux* croata como uma invenção papal, será preciso esperar quase dois séculos para encontrar na documentação uma carta de um membro da dinastia croata enviada a um representante da Santa Sé. Trata-se da epístola escrita por Zvonimir, em outubro de 1075, após sua coroação na Basílica de São Pedro de Saló, na qual o soberano, “duque da Croácia e da Dalmácia pela graça de Deus [...] investido e tornado rei pelo manto, a espada, o cetro e a coroa”, promove importantes doações e proclama sua fidelidade ao ‘seu’ papa (*meum papam Gregorium*), como indica a abundância de termos que exprimem a devoção e a fidelidade (*tibi*

<sup>54</sup> CDCDS, 9 (início 879), p. 12 : *Quia fama tue dilectionis atque bonitatis et religionis in deum ad nos usque peruenit (...)*.

<sup>55</sup> IDEM, 10 (7 de junho de 879), p. 13: *Cum litteras principis uestris (!) Branimir, quas nobis per Iohannem uenerabilem presbiterum, ipse direxit, legeremus, non solum illius deuotionem, sed etiam fidei uestre sinceritatem et dilectionem, quam circa sanctum Petrum, apostolorum principem, et circa nos habetis, cognouimus.*

<sup>56</sup> IDEM, 11 (7 de junho de 879), p. 14 : *Relegentes nobilitatis tue litteras, quas per Iohannem uenerabilem presbiterum communem fidelem nobis mandasti, quantam fidem et sinceram deuotionem circa ecclesiam sanctorum apostolorum Petri et Pauli et circa nos habeas, luce clarius nouimus.*

*deuoueo, spondeo et polliceor; seuire; committo fidelitatem; ero fidelis; fideliter retinebo; simpliciter seruiam*)<sup>57</sup>.

A coroação, a carta e a proclamação da fidelidade de Zvonimir constituem o sucesso dos esforços despendidos pelo papado há alguns séculos para obter



**Figura 2 – Rei croata (Zvonimir ?) em seu trono. (Século XI, baixo-relevo, baptistério de São João de Split).**

o favor dos soberanos da Dalmácia-Croácia. Mas seria excessivo afirmar uma “ruptura”, uma vez que vários reis croatas tinham testemunhado sua vinculação à Igreja de Roma, à sé metropolitana de Split-Salone ou aos mosteiros beneditinos através de sucessivas atas de doação. A esse respeito, o reino de Krešimir IV, predecessor de Zvonimir, marca uma etapa importante no que se refere a suas doações e suas relações privilegiadas com a Igreja de Split-Salone. Não resta dúvida que a carta solene de Zvonimir repre-

senta a única correspondência curial na qual se proclama abertamente a fidelidade do rei croata, em toda a majestade de

seu poder (*per uexillum, ense, sceptrum et coronam inuestitus atque constitus rex*), ao papa. Ela reflete a importância que a coroação de Zvonimir por um legado papal

<sup>57</sup> IDEM, 109 (outubro de 1075), p. 139-140: *Ego Demetrius, qui et Svinimir nuncupor, dei gratia Chroaetiae Dalmatiaeque dux, a te, domine Gebizon, ex apostolice sedis legatione domini nostri pape Gregorii potestatem optinens in Salonitana basilica sancti Petri sinodali et concordati totius cleri et populi electione de Chroatorum Dalmatinorumque regni regimine per uexillum, ense, sceptrum et coronam inuestitus atque constitus rex, tibi deuoueo, spondeo et polliceor. Cum deo seruire regnare sit, uice beati Petri et domini nostri pape Gregorii atque post se successorum in apostolice sede me tuis manibus committo et committendo hanc fidelitatem sacramento stabilio: ego, inquam, Demetrius, qui et Suinimir, dei gratia et apostolice sedis dono rex ab hac hora in antea, sancto Petro et domino meo pape Gregorio suisque successoribus canonice intransitibus ero fidelis. [...] Regnum autem, quod mihi per manum tuam, donne Gebizon, traditur, fideliter retinebo et illud suumque ius apostolice sedi aliquo ingenio aliquando non subtraham. Dominum meum papam Gregorium et suos successores atque legatos, si in meam potestatem uenerint, honorifice suscipiam et honeste tractabo et remittam; et undecumque me inuitauerint, prout potero, eis simpliciter seruiam.*



tem para a dinastia de Tirpimirović, cuja lembrança pode ser conservada em um célebre baixo-relevo do século XI sobre a parede das fontes batismais do batistério de São João de Split, antigo templo de Júpiter<sup>58</sup>:

Uma das mais antigas gravuras em pedra de um rei medieval, esta escultura muito intrigou os historiadores que, hoje, depois de diversas interpretações, estão de acordo em ver nela uma representação de Zvonimir coroado em seu trono. Este baixo-relevo representa um rei e duas outras personagens: a primeira está prostrada diante do soberano em sinal de submissão, enquanto a segunda, de mesmo tamanho que o rei, carrega um cálice e um hábito eclesiástico. Sua presença à direita do rei e, sobretudo, na mesma altura, parece conferir-lhe uma dignidade tão importante que alguns o interpretaram como Gebizo, o legado de Gregório VII que portava a bula papal que permitia a coroação do rei em nome do papa<sup>59</sup>. O acordo entre o papa e Zvonimir iria muito além da pessoa de Gregório VII, pois Zvonimir tornou-se, na sequência, um dos principais pilares de Urbano II, sucessor de Gregório, nos Balcãs Ocidentais. Solicitado pelo papa, Zvonimir tentou, inclusive, mobilizar a nobreza dalmato-croata a responder favoravelmente a Urbano II, que via no reino croata um aliado importante em seus planos de conquista do Oriente. Se é difícil determinar com precisão o papel de Zvonimir nos projetos do papa no Oriente, uma tradição medieval transmitida no século XII pela crônica do padre Docléa<sup>60</sup>, afirma que as escolhas de Zvonimir provocaram reações violentas da nobreza dalmata e que estas contestações seriam a origem da morte de Zvonimir em Biskupija, próximo de Knin<sup>61</sup>. Nada permite afirmar que a aliança com o papa teve papel fundamental no desaparecimento da dinastia dos Tirpimirović na virada dos séculos XI e XII. O que se pode afirmar é que Zvonimir fortaleceu a aliança com o papado por meio de um confronto maior com Bizâncio e da multiplicação das doações para igrejas, em especial à metrópole de de Split<sup>62</sup> e aos mosteiros beneditinos. Se a célebre Pedra de Baška (*Bašćanska ploča*) faz referência, no antigo croata, a uma doação de Zvonimir à abadia beneditina de Santa Lúcia, em Otočac, a carta de Zvonimir

---

<sup>58</sup> BABIĆ, I. *O reljefu s prikazom kralja iz Splitske krstionice (The Relief with the Image of a King from the Split Baptistery)*. *Archaeologia Adriatica*, 4, 2010, p. 203-215.

<sup>59</sup> *Ibidem*.

<sup>60</sup> A narrativa da morte violenta de Zvonimir é relatada na crônica do padre de Docléa (*Ljetopis Popa Dukljanina*), consagrada na *Gesta regum slavorum*, cuja origem medieval foi contestada por Solange Bujan (ver nota 4) médiévale a été contestée à juste titre par Solange Bujan.

<sup>61</sup> Ao contrário do padre Docléa, Tomas Arquidiácono não evoca as causas da morte de Zvonimir, a quem ele considera “o último rei croata” (*HS*, 16, p. 88: *ultimus rex Chroatorum*). Tomas se contenta em indicar que a morte de Zvonimir suscitou disputas pela sucessão que levaram ao desaparecimento da dinastia (*HS*, 17. 1, p. 92: *Eo namque tempore rex Suinimirus mortis debitum soluit nullumque sue posteritatis heredem reliquit. Sic ergo tota regalis sanguinis deficiente prosapia, non fuit ulterius, qui in regno Chroatorum rite succedere debuisset. Cepit itaque inter omnes regni proceres magna discordia suboriri*).

<sup>62</sup> Tomas Arquidiácono. *HS*, 16 p. 90: *His temporibus celebrata fuit synodus in ciuitate Nonensi sub Iohanne cardinali apostolice sedis legato. Vbi proclamationem faciente Laurentio archiepiscopo illustris uir Demetrius, cognomento Suinimir, rex Chroatorum, restituit ecclesie sancti Domnii ecclesias sancti Stephani et sancte Marie in Salona cum omnibus earum bonis*.

ao legado papal Gebizo, de outubro de 1075, referencia uma doação real um pouco particular, pois o beneficiário é exatamente a Igreja de Roma: a doação do mosteiro São Gregório de Vrana “à sé apostólica”<sup>63</sup> evidencia o papel político deste estabelecimento monástico, que possuía um grande número de terras e objetos preciosos e beneficiava de um privilégio real, da mesma forma, o mosteiro de São João Evangelista de Biograd (uma das sedes da corte croata) ou o mosteiro feminino de Santa Maria de Zadar. A doação do rei croata Zvonimir ao papa Gregório VII integrava, então, *de facto*, o mosteiro São Gregório ao patrimônio de São Pedro, como o confirmará, em 1169, uma carta-privilégio do papa Inocêncio III ao arcebispo Gerardo de Split.

Podemos nos interrogar sobre os objetivos da doação de Zvonimir ao papa, em 1075: tratava-se, em primeiro lugar, de um agradecimento por Gregório VII ter reconhecido sua legitimidade, coroando-o através de seu legado. Por meio dessas doações, o rei croata perseguia também a construção metódica de um sistema monástico poderoso, capaz de assegurar a estabilidade política e espiritual de seu reino ameaçado pelos conflitos recorrentes entre a corte e uma parte da aristocracia dalmata pró-bizantina que via negativamente a aliança entre a corte e o papado se fortalecer. O rei obtinha, finalmente, uma última vantagem no contexto de ameaças que pesavam sobre a dinastia croata: a proteção do papa. Por um lado, tratava-se de uma proteção espiritual, pois o papa João VIII, desde 879, tinha prometido ao *dux chroatorum* Branimir a proteção de São Pedro e São Paulo, os dois santos romanos por excelência<sup>64</sup>. Todavia, tratava-se também de proteger a integridade do reino, pois Gregório VII não hesitou em escrever cartas de ameaça que questionavam “o fato da autoridade apostólica fazer o rei na Dalmácia”<sup>65</sup>, como atesta uma carta ao nobre *miles* Weselin. Estes poucos exemplos, que poderiam ser multiplicados, refletem os esforços do papado para reforçar a sua influência na região em um período crucial da Reforma gregoriana. A ação determinante de Gebizo, o legado de Gregório VII, revela, assim, o papel fundamental dos legados papais que, muito além de transportadores de cartas da Antiguidade tardia, acompanharam a afirmação da autoridade papal. Tocamos aqui num elemento essencial da evolução institucional do papado que tentou durante séculos obter uma capacidade real de afirmar sua primazia. Sobre isto, o reforço dos legados papais na relação entre o papado e as cortes croatas reflete a confirmação de uma estrutura administrativa e diplomática eficiente que não é outra, senão a primeira face da Cúria romana<sup>66</sup>.

<sup>63</sup> CDCDS, 109 (1075), p. 140: *Dono insuper, concedo atque confirmo apostolice sedi sancti Gregorii monasterium, cui Vrana est uocabulum, cum omni suo thesauro.*

<sup>64</sup> IDEM, 9 (879), p. 12: *pro amore sanctorum apostolorum Petri ac Pauli, protectorum uestrorum.*

<sup>65</sup> IDEM, 135 (1079), p. 171: *Gregorius episcopus servus seruorum dei Wezelino nobili militi salutem et apostolicam benedictionem. Scias, nos de prudentia tua multum mirari, ut, qui te esse dudum beato Petro et nobis fidelem promiseris, contra eum, quem in Dalmatia regem auctoritas apostolica constituit, tu modo coneris insurgere.*

<sup>66</sup> Sobre este tema, ver: ALBERZONI M. P.; ZEY, C. (org.) *Legati e delegati papali. Profili, ambiti d'azione e tipologie di intervento nei secoli XII-XIII.* Milano, 2012.

## 2. A lenda apostólica e a arte românica: uma ideologia romano-croata?

Certamente, esta evolução não pode ser explicada apenas pela diplomacia epistolar. Estes elementos fazem parte de um conjunto de medidas que refletem o pragmatismo e a consistência das ambições romanas no Adriático, onde reconfiguraram-se as esferas de influência da Igreja romana e das autoridades bizantinas até a sua ruptura definitiva em meados do século XI. O sucesso durável da diplomacia papal na Dalmácia-Croácia traduziu-se, na segunda metade do século XI, pela reconstrução da memória religiosa da região, como testemunha o aparecimento da lenda das origens apostólicas do cristianismo dálmata<sup>67</sup>. Essa estratégia de reescrever a memória histórica é apenas uma parte do reforço da autoridade romana na Dalmácia, que soube igualmente aproveitar a multiplicação das fundações beneditinas entre final do século X e finais do século XI na Sardenha e em outras regiões do Mediterrâneo, onde encontramos a abadia de Monte Cassino como um dos principais pilares da Reforma promovida pelo papado<sup>68</sup>. A influência crescente de Monte Cassino sob a direção do abade Desidério, próximo a e futuro sucessor de Gregório VII, é acompanhada pela influência crescente da cultura cassinense na Dalmácia: um dos melhores exemplos é a produção manuscrita dos centros monásticos em escritas beneventanas, em particular nos *scriptoria* beneditinos, como o *scriptorium* do mosteiro de São Crisógono de Zadar, onde ela conhece uma evolução própria<sup>69</sup>. Se o uso da escrita beneventana nos manuscritos litúrgicos dálmatas é bem conhecido<sup>70</sup>, é importante constatar que alguns documentos administrativos produzidos na corte croata também eram, às vezes, redigidos com letras beneventanas dálmatas, conforme indicam as cópias mais antigas de decretos reais<sup>71</sup>.

Todavia, mais que o uso da língua, da liturgia e da escrita beneventana, o nascimento da primeira arte românica na Croácia, vetor arquitetural e iconográfico da ideologia reformadora da Igreja romana, é sem dúvida a expressão mais manifesta da aliança entre a corte croata com o papado, particularmente nos reinados de

---

<sup>67</sup> Uma das mais antigas alegações de autenticidade do cristianismo salonitano é a *Vita Domnii*, escrita em Split, por volta de 1070, por Adam de Paris. Ele conta que o bispo de Salone Domnio foi enviado por São Pedro para evangelizar a Dalmácia. Este texto deu origem a uma grande bibliografia citada em nosso estudo: GIOANNI, S. *La Vita Domnii d'Adam de Paris (XI<sup>e</sup> siècle): la construction d'un lien hagiographique entre l'Église de Split et le siège de Rome*. *Hagiographica*, 19, 2012, p. 83-126.

<sup>68</sup> GIOANNI, S. *Les 'retraites insulaires' en Dalmatie du IV<sup>e</sup> au XI<sup>e</sup> siècle: idéal ascétique, fondations monastiques et diplomatie pontificale*. *Hortus artium medievalium*, 19, 2013, p. 209-222.

<sup>69</sup> PRAGA, G. *Lo Scriptorium dell'abbazia benedettina di San Grisogono in Zara*. *Archivio storico per la Dalmazia*. Roma, 1929-1940, fasc. 61 (3-23), fasc. 62 (95-104), fasc. 63 (127-139), fasc. 65 (233-240), fasc. 67 (329-342), fasc. 70 (491-504), fasc. 75 (114-125), fasc. 85 (11-26), fasc. 132 (442-465), fasc. 140 (287-295); JAKŠIĆ, J. *Scultura e liturgia*. IN: BERTELLI, C.; et al. (org.) *Bizantini, Croati, Carolingi. Alba e tramonto di regni e imperi. Catalogo della mostra (Brescia, 2001-2002)*. Milano, 2001, p. 194-195.

<sup>70</sup> ELBA, E. *Miniatura in Dalmazia. I codici in beneventana (XI-XIII secolo)*. Bari, 2011.

<sup>71</sup> Ver, por exemplo, a doação do rei Krešimir IV, de 1072 (Benediktinski samostan svetog Krševana), conservada nos Archives de Zadar, Broj fonda: HR-DAZD-336.

Krešimir IV e de Zvonimir<sup>72</sup>. Os historiadores da arte demonstraram a importância simbólica e ideológica da arte românica na difusão das ideias reformadoras promovidas pelo papado, especialmente através do culto de São Pedro<sup>73</sup> e da Virgem Maria. A devoção à Virgem manifesta-se pela multiplicação de dedicatórias e de representações marianas, como, por exemplo, a Igreja de Santa Maria Crkvina, em Biskupija, a cinco quilômetros de Knin, que era o principal centro cultural e religioso da corte croata no século XI. Este sítio é ainda mais importante, pois revela a proximidade da corte e da igreja: A. Milošević sugeriu recentemente que o complexo arqueológico descoberto no norte da igreja de Santa Maria era, talvez, a “villa real”, evocada pelo rei Zvonimir num ato real realizado perto de Knin – “*in villa reali, quo in loco iam dicta ecclesia sancte Maria sita uidetur*”<sup>74</sup>. Esta hipótese permitiria ver na igreja de Santa Maria a capela palatina que Zvonimir utilizava como “*aula regia*”; a representação da *Majestas Virginis* (uma das primeiras depois da Catedral de Aquiléia), mas também a estrutura gráfica e o conteúdo das inscrições do altar de Santa Maria seriam uma excelente ilustração da evolução ideológica da corte croata no fim do século XI e da reforma litúrgica promovida pelo arcebispo Laurent de Split (1059-1099), um dos principais defensores do papa Gregório VII na Dalmácia<sup>75</sup>. Neste contexto reformador não se pode ficar indiferente à difusão de outro ornamento menos estudado da arte românica no reino croata: as representações dos reis magos, os reis ajoelhados diante de Cristo, como os reis croatas e tantos outros soberanos que a Reforma gregoriana fez prostrarem-se diante do papa<sup>76</sup>.

O estudo das cortes croatas entre os séculos IX e XI destaca a importância do novo vínculo que surgiu na segunda metade do século XI entre o reino da Dalmácia-Croácia e o papado. Na medida em que expressa a fidelidade do rei ao papa em troca de seu reconhecimento, de sua proteção e de sua força estabilizadora, a carta de Zvonimir ao legado papal Gebizo, de 1075, anuncia uma espécie de aliança e de “vassalagem” para com o papa. Se esta subordinação traduziu, antes de mais nada, uma subordinação espiritual, também fez de Zvonimir um aliado-chave do sucessor de Gregório, Urbano II, às vésperas da Primeira Cruzada no Oriente. É

---

<sup>72</sup> JURKOVIĆ, M.; MARAKOVIĆ, N. *La nascita del primo romanico in Croazia nel contesto delle grandi riforme ecclesiastiche del secolo XI*. IN: Calzona, A.; Campari, R.; Mussini, M. (ed.). *Immagine e Ideologia. Studi in onore di Arturo Carlo Quintavalle*, Milano, 2007, p. 96-102; JURKOVIĆ, M. *L'architecture du premier âge roman en Croatie*. *Hortus artium medievalium*, 6, 2000, p. 83-92.

<sup>73</sup> JAKŠIĆ, N. *Il culto di san Pietro nella Dalmazia paleocristiana e medievale*, in *San Pietro e San Marco - arte e iconografia in area adriatica*. Rome, 2009, p. 61-93.

<sup>74</sup> MILOŠEVIĆ, A. *Op. cit.* nota 20, p. 95.

<sup>75</sup> Tomas Arquidiácono sublinha a importância do reinado do arcebispo Laurent de Split, o qual dura 40 anos. Uma delegação foi a Roma para regular a sucessão de Laurent junto ao papa Pascal II, que nomeou o romano Crescentius, para a sé de Split em 1099 (*HS*, 16, p. 90).

<sup>76</sup> Por exemplo, os reis magos representados em 1036 no coro da igreja de São Domingos de Zadar na metade do século XI (Fragmento conservado no Museu arqueológico de Zadar). Ver: JAKŠIĆ, N. *Il caso dell'arconte. Dobronà e del proconsole Gregorio*. *Hortus artium medievalium*, 13, 2007, p. 139.

impossível determinar se esta aliança ajudou a fortalecer a corte croata ou, ao contrário, precipitou sua queda. As crônicas medievais dos Balcãs, tanto as antagonistas como a *Gesta regum slavorum* do padre Docléa (século XII) ou a *Historia Salonitana* de Tomas Arquidiácono (século XIII), demonstram que a aproximação entre a Igreja de Roma, as Igrejas dálmatas e a corte croata foi um elemento crucial da história da região.



Figura 3 – Detalhe do coro da Igreja de São Domingos de Zadar (metade do século XI, Museu arqueológico de Zadar).

O fortalecimento desta aliança, que pode ser considerada bem sucedida para a diplomacia papal, permite reformular o debate sobre as origens e a evolução das cortes croatas entre os séculos IX e XI. Certamente, as raras fontes disponíveis trazem pouca informação sobre as dinâmicas relacionais, os estilos de vida ou as cerimônias da corte. Entretanto, sob essa aparente lacunar, desordenada e, por vezes, duvidosa, a documentação diplomática do *Ducatus* e do *Regnum* croata dos séculos IX ao XI é uma fonte essencial para estudar as formas de poder e de ideologia da corte: ela revela, ao mesmo tempo, a fragilidade, as contradições e as tensões profundas, mas também apresenta os numerosos dados institucionais que esclarecem em parte sua organização, suas hierarquias e a especialização progressiva do *imperium* real; Atrevo-me a usar a expressão “curialização” do poder croata para des-

crever um processo que atingiu seu ápice na segunda metade do século XI, durante os reinados de Krešimir IV e Zvonimir. Não é a nossa intenção consolidar os mitos políticos do movimento nacional que, por vezes, viu nesse período o surgimento da primeira Croácia independente. Fontes internas e externas do *Ducatus* e do *Regnum* croatas mostram que a imagem de uma entidade territorial unificada e de uma continuidade dinástica entre o século IX e XI é mais uma lenda nacional do que História. Mas o estudo da documentação diplomática e arqueológica também nos protege contra os excessos de um hiper-criticismo historiográfico que fez dos reis croatas soberanos de papel, ou que negligenciou a organização progressiva do poder croata. Por fim, demonstra que o papado desempenhou um papel determinante na produção e estabilização de um espaço curial, o qual afirmou sua identidade através de um apoio quase feudal ao fortalecimento da autoridade papal na antiga Dalmácia bizantina, sendo um componente ainda desconhecido da Reforma gregoriana no Mediterrâneo.

*Artigo recebido em 23 de agosto de 2014.*

*Aprovado em 10 de novembro de 2014.*